


## Nota sobre a divindade \*Besencla

### *A Note on the Divinity \*Besencla*

José d'Encarnação   
Universidade de Coimbra  
jde@fl.uc.pt

**Resumo:** A redescoberta de duas aras romanas votivas sem identificação do teónimo mas mandadas lavar pelo mesmo dedicante que fizera uma outra dedicada à divindade indígena identificada como *Besencla* suscitou a questão de ser óbvio — ou não — que todas fossem ex-votos à mesma divindade. Propõe-se também outra leitura para o teónimo: *Ceseticia*.

**Palavras-chave:** Aculturação, \*Besencla, Ceseticia, Divindades, Lusitânia.

**Abstract:** The rediscovery of two Roman votive altars, without any preserved divine name but commissioned by the same dedicant who had also set up another altar explicitly dedicated to the indigenous deity *Besencla*, raises the question of whether it is obvious—or even likely—that all were votive offerings to the same divinity. An alternative reading of the divine name is also proposed: *Ceseticia*.

**Keywords:** Acculturation, \*Besencla, Ceseticia, Divinities, Lusitania.

---

**Recepción:** 17.06.2025 | **Aceptación:** 16.07.2025

---



Publicou João L. Inês Vaz, em 1987, quatro monumentos votivos dedicados por *Docquirus Celti*. Num deles, a divindade vinha mencionada: *Besen-clae*; nos outros três, o teónimo está omissa e as fórmulas finais variam entre o simples V — *votum* — e V(*otum*) F(*ecit*).

Da identidade do dedicante e da possível vinda dos monumentos de um mesmo local de culto, hoje por identificar, partiu-se do princípio de que a divindade venerada foi a mesma.

O facto de se haverem reencontrado, em Maio de 2024 (Encarnação, 2024), duas dessas aras suscitou de novo o interesse por este númen, quer porque — mui possivelmente — haverá hoje novas hipóteses interpretativas da etimologia do teónimo e seu significado, quer porque não é comum encontrar-se mais do que um monumento, com idênticas características formais e textuais, mandado lavrar pela mesma pessoa e, eventualmente, ofertado à mesma divindade. Uma reflexão sobre tal circunstância merecerá, porventura, alguma ponderação.

Ora acontece que nova fotografia — o monumento encontra-se na Sala-Museu de Canas de Senhorim — levantou dúvidas acerca da letra inicial. Parece, de facto, B, como João Vaz leu; está, porém, mal paginado e, com outra iluminação, mais figura ser um C. Também na l. 2, a leitura L não é clara. O demais não oferece dúvida.

Leu João Vaz:

BESEN

CLAE

DOCQV[I]

RVS · CE

LTI · V(*otum*) · A(*nimo*)

L(*ibens*)

Leitura que foi aceite e, sobre ela, ele próprio e Blanca María Prósper tentaram explicar o significado do teónimo.

Carlos Búa (2000, 441) chegou a propor, ainda que dubitativamente, outra interpretação da linha 2 — BESEN[...] / C(*aius*) LAE(*lius*) —, que, porém, não se afigura viável.

A razão próxima de se voltar a examinar o assunto resultou do facto de, em Maio de 2024, dois altares se terem encontrado a decorar um jardim pú-

blico em Carvalhal Redondo (figs. 1 a 3). Pela identidade do texto e da forma saíram ambos da mesma oficina. E rapidamente se concluiu serem as aras que João Vaz estudara, encontradas na parede dum lagar.



Fig. 1: As aras no jardim. Foto de Sérgio Espírito Santo. Figs. 2 e 3: As outras aras. Fotos de Ricardo Gaidão.

Diligenciou-se, pois, para que os monumentos fossem devidamente salvaguardados nas instalações da Junta de Freguesia local.

Às três aras que vira juntara João Vaz (1997, inscrições n.ºs 20-23) a que Leite de Vasconcelos levara para o Museu de Lisboa, em 1930, a 1ª portanto a ser descoberta (fig. 4):

«De granito, de 0<sup>m</sup>,67 x 0<sup>m</sup>,21 x 0<sup>m</sup>,21, encontrada ao pé de Canas de Senhorim, concelho de Nelas, no sítio do Olival Grande, onde aparecem várias antigualhas romanas, tais como mós manuárias, tijolos, pesos de barro, pesos de ferro, pedras de alicerces de casas» (1929, 214).

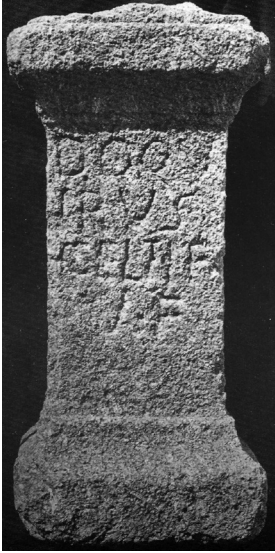


Fig. 4: Ara do Museu Nacional de Arqueologia. Cliché do MNA

Transcreveu: *Doquirus, Celti(i) f(i)lius, v(ivus) f(ecit),* ou *v(otum) f(ecit)*; e comentou: «tendo-se omitido no primeiro caso a indicação da idade, e no segundo o nome da divindade; de tudo há exemplos». Acrescentou que esta menção da filiação – «filho de *Celtius*» – «abona a celticidade do seu nome». Deu conta, a concluir, que, a seu pedido, o dono da propriedade, o Sr. António de Abreu Madeira não hesitou em dar o monumento «para o Museu Etnológico, onde recebeu o nº 7:084 de entrada».

## 1. O significado do teónimo e atributos da divindade

Segundo João Vaz (1987), o radical *besen-* equivale a *vesen-*, passível de ser relacionável com o que poderia ter sido a designação romana da cidade de Viseu. Aliás, acrescenta, o *Cronicon silense* traz referência a um *Castrum Vesensis* ou *Castellum Vesensis*.

Essa hipótese foi, como se sabe, descartada por o altar fundacional recentemente descoberto em Viseu<sup>1</sup> estar dedicado a uma divindade que apresenta o epíteto *Vissaiego*, donde pode deprender-se que a cidade poderia ter sido designada *Vissaeum*, o que infirma tal proposta, ainda que se saiba ser ainda hoje normal, na região, trocar o B pelo V e vice-versa: VISEU / BISEU.

1 Sobre o achado: Fernandes, Carvalho e Figueira 2008 e 2009; Carvalho e Fernandes 2009; Carvalho, Carvalho y Perpétuo 2022. Ver também, para as considerações daí resultantes, designadamente no âmbito linguístico e cultural: Encarnação 2015; 2019; 2020.

Não quis Blanca María Prósper (2002, 122) deixar de se pronunciar acerca do que lhe parecia poder ser a filiação linguística do teónimo. Em síntese, as suas propostas foram as seguintes:

- O vocábulo *Besencla* é relacionável com a raiz IE \*g<sup>w</sup>eid(h)- «barro»;
- Provém regularmente de \*g<sup>w</sup>eid(h)-s-ā;
- Corresponde ao gr. «barro», aisl. *kveisa* «bulto», mba. *quēse* «ampolla de sangue», nor. *kvisa*, sueco *kvissla* e o adj. aegl. *židūkū* «jugoso», ruso *židkij* «líquido, flexível»;
- Significado: diz respeito «a uma realidade acuosa o quizás a uma protuberância del terreno»;
- Estamos perante o sufixo diminutivo *-culus*;
- *-encla* é a adaptação local de *-unculus*.

Chegados a este ponto, a 1ª questão que se me pôs foi: estará correcta a leitura do teónimo?

Vendo agora, com toda a atenção, as imagens disponíveis, é possível adiantar uma proposta de leitura totalmente diversa (figs. 5 e 6):

[C]ESETI/CIAE / DOCQV[I]/RVS · CE/LTI · V(*otum*) · A(*nimo*) /  
L(*ibens*)

*A Csetícia — Doquiro de Céltio voto de livre vontade.*



Figs. 5 e 6: Ara a Besencla e pormenor do teónimo. Foto de Sérgio Espírito Santo.

Subentende-se *filius*, porque decerto, na linguagem corrente, o determinativo do nome do pai era bastante para a identificação; subentende-se eventual forma verbal — p(osuit), f(ecit)... — porque desnecessária: o altar assume-se como oferta resultante de uma promessa.

Perante um teónimo sem paralelo, por enquanto, tal como o era *Besencla*, resta esperar que outros testemunhos ocorram, a fim de melhor se esclarecerem dúvidas que surjam. Em todo o caso, dir-se-á que não parece despropositado considerar-se a presença do sufixo *-icius*, assim como relacionar *Ceseticia* com os antropónimos de teor lusitano já documentados *Cessea*, *C(a)esius*, *Caesetius* também se não afigura estranho do ponto de vista linguístico.

## 2. Um santuário?

Estamos recordados de que a ausência, nas epígrafes votivas, da menção do teónimo pode ser indício de que se destinavam a ser postas no santuário a determinada divindade conhecida e, por isso, se dispensava essa indicação (Encarnação 1985-1986). Ora, em três das aras não vem expresso o teónimo homenageado; aliás também de três se desconhece o respectivo contexto arqueológico original, pois que a 2ª e a 3ª foram identificadas em reutilização, em Carvalhal Redondo, Canas de Senhorim, num lagar, e o contexto da 4ª ara, em Canas de Senhorim, é desconhecido. Somente da 1ª, como vimos, se sabe o que Leite de Vasconcelos transmitiu: «no sítio do Olival Grande, onde aparecem várias antigualhas romanas, tais como mós manuais, tijolos, pesos de barro, pesos de ferro, pedras de alicerces de casas». Leite de Vasconcelos (1927-1929) ficou na dúvida acerca da classificação a dar à epígrafe — se funerária ou votiva — e nem sequer, por isso, levantou a questão acerca do que poderiam contextualizar os vestígios que lhe fora dado observar. Acrescenta-se que também não houve, até ao momento, ocasião ou interesse em aí se proceder à observação do que, eventualmente, ainda por lá se consiga identificar. A possibilidade de essa 1ª ara estar mais ou menos no contexto arqueológico inicial não é de descartar, tanto mais que as outras três — cujo 'percurso', no entanto, ainda se desconhece — foram achadas em reutilização.

## 3. Uma ou várias divindades?

Finalmente, é legítimo pôr essoutra questão: as quatro aras, por terem sido mandadas lavrar pelo mesmo dedicante, terão necessariamente de considerar-se dedicadas à mesma divindade?

Na verdade, apenas — além da ausência ou presença do teónimo — a diferença entre os textos reside na fórmula dedicatória final: *V(otum) A(nimo) L(ibens)*, *V(otum) F(ecit)* ou, simplesmente, *V(otum)* nas duas que estiveram no jardim.

Permita-se-me uma comparação com a actualidade, partindo eu do pressuposto que a mentalidade humana não sofre mui sensíveis alterações ao longo dos tempos: as placas de agradecimento que os devotos do Dr. Sousa Martins — médico dotado de um halo taumatúrgico, a que muitos recorrem. Que vemos? (fig. 7). Nem sempre o nome do médico é referido, nem sempre o devoto se identifica ou, quando se identifica, usa siglas ou nomes próprios que o não permitem reconhecer.



Fig. 7: Placas ao Dr. Sousa Martins, Foto do autor.

Temos aqui, portanto, o local de veneração de um personagem a que se atribuem dotes salutíferos e — tal como no caso das aras de Carvalho Redondo — o nome do taumaturgo pode ser naturalmente omitido.

O caso do romano *C. Caesius Sabinus* (Susini 1985, 110-111) vai noutro sentido — mas que também interessa, aqui e agora, salientar: este romano decidiu erguer no mesmo santuário de Sarsina, na Úmbria, estátuas às mais diversas divindades: *Dii Publici*, *Minerva*, *Apollo*, *Júpiter Ótimo Máximo*,

*Spes*.<sup>2</sup> Sublinhe-se: várias divindades honradas pela mesma pessoa no mesmo local.

Diversa foi a atitude do construtor de templos do século I da nossa era, C. *Cantius Modestinus*, que decidiu erguer *ex patrimonio suo* temples a *Vénus*<sup>3</sup>, ao Génio do Município<sup>4</sup>, a *Marte*<sup>5</sup>, a *Vitória*<sup>6</sup>, não apenas na *civitas Igaeditanorum* mas também num lugar dela afastado mais de 100 milhas (Mantas 1993).

É de todos conhecido o facto de os templos actuais terem um orago a que é dedicado o altar-mor, e haver capelas laterais dedicadas a outras devoções. No mesmo local, diversos númenes!

#### 4. Conclusões

Poderemos, creio bem, apontar as seguintes conclusões:

1<sup>a</sup>) Na perspectiva de virem a encontrar-se, nas proximidades ou não, outros testemunhos que confirmem — ou infirmem — a leitura agora proposta, será prudente mantermos como susceptível de outras provas, o nome da divindade.

2<sup>a</sup>) Afigura-se ser muito plausível a existência dum local de culto.

3<sup>a</sup>) Não podem, todavia, deixar de ser tidas em consideração estas três hipóteses:

a) *Docquirus* pode ter feito ex-votos em circunstâncias diferentes e por motivos diferentes à mesma divindade;

b) *Docquirus* pode ter feito ex-votos a divindades diversas;

c) *Docquirus* pode ter recusado os altares incompletos.

4<sup>a</sup>) É, de facto, expectável o achado doutros testemunhos.

---

2 Embora o citado artigo de Susini seja a fonte principal para se referenciar esses monumentos, vai, de cada um deles, a referência específica: *Dii Publici*: AE 1980 424; CIL XI 6482 e 6492; EDCS-08900321, EDCS-23200787 e EDCS-23200777; ILS 9234d; *Minerva*: CIL XI 6491 = ILS 9234b; *Apollo*: CIL XI 6490 = ILS 9234c; *Júpiter Ótimo Máximo*: CIL XI 6489 = ILS 9234a; *Spes*: Susini 1985, 111, fig. 42.

3 AE 1992 952.

4 CIL II 401; AE 2003 864.

5 AE 1992 953.

6 CIL II 402.

5<sup>a</sup>) Damos por garantido, no entanto, que estamos perante uma divindade indígena, venerada por um dedicante lusitano, no século I inicial (tendo em conta a paleografia, a tipologia dos monumentos e a singeleza do texto).

E, de facto, é de esperar que — perante este singular espólio — haja ainda descobertas por fazer. Os arqueólogos locais já estão em campo, ainda que, como se disse, não seja nada obrigatório que novo testemunho do culto a esta divindade tenha de descobrir-se aqui! Também no mundo das línguas e culturas paleohispánicas as surpresas ocorrem e sempre serão bem-vindas!<sup>7</sup>

## | B I B L I O G R A F I A |

Abascal Palazón 2024: J. M. Abascal Palazón, “Altar dedicado a *Arase* (dat.) en Vilariño da Veiga (Xunqueira de Ambía, Ourense) (*Conventus Bracarum, Hispania citerior*)”, *Ficheiro Epigráfico* 268, 2024, inscrição n.º 897, 11-12.

AE = *L'Année Épigraphique*. Paris.

Búa 2000: C. Búa, *Estudio lingüístico de la teonimia lusitano-gallega*, Tese de doutoramento inédita, Salamanca 2000.

Carvalho, Carvalho e Perpétuo 2022: P. C. Carvalho, P. S. Carvalho y J. Perpétuo, “*Vissaium*, a cidade lusitana redescoberta”, em: T. Nogales Basarrate (ed.), *Ciudades Romanas de Hispania II / Cities of Roman Hispania II*. Roma 2022, 393-412.

CIL II = Hübner, E. 1869 e 1892: E. Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim 1869 e 1892.

CIL XI = E. Bormann, *Corpus Inscriptionum Latinarum* vol. XI, *Inscriptiones Aemiliae, Etruriae, Umbriae Latinae*. pars II, fasc. 1 *Inscriptiones Umbriae, viarum publicarum, instrumenti domestici*. Berlim 1901.

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

Encarnação 1985: J. d'Encarnação, “Omissão dos teónimos em inscrições votivas”, *Veleia* 2-3, 1985-1986, 305-310. [<http://hdl.handle.net/10316/26770>]

Encarnação 2015: J. d'Encarnação “Roma e Lusitânia: dois poderes paralelos?”, em: G. Bravo y R. González Salinero (eds.), *Poder Central y Poder Local: ¿Dos Realidades Paralelas en la Órbita Política Romana?*, Salamanca 2015, 19-30.

Encarnação 2019: J. d'Encarnação, “O bilinguismo epigráfico, manifestação político-cultural”, em: M. C. González Rodríguez, P. Ciprés Torres, E. Ortiz de Urbina Álava y G. Cruz Andreotti, *A Verbis ad Scripta. Studia epigraphica et historica. Homenaje a Juan Santos Yanguas*, Vitoria 2019, 79-95. <http://hdl.handle.net/10316/87661>.

Encarnação 2019: J. d'Encarnação, “Testemunhos recentes de teónimos pré-romanos na Lusitânia”, *Antrope* 12, 2020, 249-273. [<http://hdl.handle.net/10316/90494>]

---

7 Não acaba Juan Manuel Abascal (2024) de identificar na Galiza uma ara à divindade ARASE, que consta, como se sabe, do texto de Arronches, bem no coração do território português a sul do Tejo?

- Encarnação 2024: J. d'Encarnação, “As pedras romanas de Carvalhal Redondo», *Duas Linhas*, 3 de Junho de 2024. [<https://hdl.handle.net/10316/118331>]
- Fernandes, Carvalho e Figueira 2008: L. Fernandes, P. Carvalho y N. Figueira, “Uma nova ara votiva de Viseu (Beira Alta, Portugal)”, *SEB* 6, 2008, 185-189.
- Fernandes, Carvalho e Figueira 2009: L. Fernandes, P. Carvalho y N. Figueira, “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *PalHisp* 9, 2009, 143-155.
- Carvalho e Fernandes 2009: P. Carvalho y L. Fernandes, *Vissaium. O Espírito do Lugar*. Viseu 2009.
- Mantas 1993: V. Mantas, “Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos C. *Cantius Modestinus*”, em: J. Gómez Pallarés y M. Mayer i Olivé (eds.), *Religio Deorum. Actas del Coloquio Internacional de Epigrafía: Culto y Sociedad en Occidente (Tarragona 1988)*, Sabadell 1993, 227-250.
- Prósper 2002: B. M. Prósper, *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca 2002.
- Susini 1985: G. C. Susini, “Scrittura e produzione culturale: dal dossier romano di Sarsina”, em: *Cultura Epigrafica dell'Appennino*, Faenza 1985, 71-139.
- Vasconcelos 1927-1929: J. L. de Vasconcelos, “Epigrafia do Museu Etnológico (Belém): inscrições romanas”, *O Arqueólogo Português* 28, 1927-1929, 209-227.
- Vaz 1987: J. Vaz, “Canas de Senhorim e Carvalhal Redondo. Epigrafia e romanização”, *Portugalia* 8, 1987, 63-68.
- Vaz 1997: J. Vaz, *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*, Coimbra 1997.

